

ES

GATÁSTROFES
ISABELLE
STENGERS
NO
TEMPO
DAS
CATÁSTROFES
ISABELLE
STENGERS

ISABELLE
STENGERS
NO
TEMPO
DAS
CATÁSTROFES
ISABELLE
STENGERS

NO
TEMPO
DAS
CATÁSTROFES

ISABELLE
STENGERS

NO TEMPO DAS CATÁSTROFES ISABELLE STENGERS

STROFES

NO
TEMPO
DAS
CATÁSTROFES

NO
TEMPO
DAS
CATÁSTROFES
ISABELLE
STENGERS

NO
TEMPO
DAS
CATÁSTROFES
ISABELLE
STENGERS

LE
ERS

ISABELLE
STENGERS

NO
TEMPO

NO
TEMPO
DAS
CATÁSTROFES
ISABELLE
STENGERS

NO
TEMPO
DAS
CATÁSTROFES
ISABELLE
STENGERS

NO
TEMPO
DAS
CATÁSTROFES
ISABELLE
STENGERS

DAS
CATÁSTROFES

NO
TEMPO
DAS
CATÁSTROFES
ISABELLE
STENGERS
NO
TEMPO
DAS
CATÁSTROFES

NO
TEMPO
DAS
CATÁSTROFES

NO
TEMPO
DAS
CATÁSTROFES
ISABELLE
STENGERS
NO
TEMPO
DAS
CATÁSTROFES

ISABELLE

COLEÇÃO **EXIT**

NO TEMPO DAS

CATÁSTROFES

RESISTIR À BARBÁRIE QUE SE APROXIMA

ISABELLE STENGERS

TRADUÇÃO ELOISA ARAÚJO RIBEIRO

COSACNAIFY

CAPÍTULO DEZESSEIS

Gaia, tal como a nomeei, não pode ser associada, ela, a suscetível, nem com a prece, que se dirige a divindades capazes de nos ouvir, nem com a submissão, requerida por essa outra divindade cega honrada sob o nome de “leis do mercado”. Honrar Gaia não é ouvir a mensagem proveniente de uma transcendência qualquer, nem nos resignarmos a um futuro posto sob o signo do arrependimento, ou seja, da aceitação de uma forma de culpa coletiva – “devemos aceitar mudar de modo de vida”. Não escolhemos este modo de vida, e todas as sábias narrativas sociológicas que nos falam do indivíduo moderno nos contam de um “resto”, do que resta quando se destruiu o que tinha o poder de nos fazer pensar, sentir e agir juntos, quando a livre Empresa conquistou o direito de não ter cuidado e passou para o Estado o encargo de “gerir os riscos”.

Se se trata de honrar Gaia, é preciso sobretudo não repetir sobre ela o que talvez tenha sido o erro dos herdeiros de Marx: fabricar uma perspectiva orientada por uma versão humanista da salvação, em que a questão colocada comunicaria de maneira direta com a emancipação de um

gênero humano enfim capaz de superar o que o separa de sua verdade. Trata-se, talvez, de salvação, mas no sentido em que essa referência não garante nada, não autoriza nada, não se associa a nenhum “e portanto...”, não comunica com nenhuma moral providencialista que reduz a intrusão de Gaia àquilo de que “nossa” história precisava para se realizar plenamente. Responder à intrusão de Gaia com palavras de ordem triunfalistas encenando os fins da humanidade seria não ter aprendido nada, seria continuar a aceitar a grande narrativa épica que faz de nós aqueles que mostram o caminho. Não inventamos o conceito de humanidade? Trata-se, bem mais, de nos desintoxicarmos dessas narrativas que nos fizeram esquecer que a Terra não era nossa, não estava a serviço de nossa história, narrativas que estão em toda parte, na cabeça de todos aqueles que, de uma maneira ou de outra, sentem-se “responsáveis”, detentores de uma bússola, representantes de um rumo a ser mantido.

Não basta denunciar os pastores, responsáveis por um rebanho que precisam proteger das seduções e das ilusões. Se fiz o elogio dos artificios foi porque precisamos recuperar, tomar de volta para nós, reaprender aquilo cuja destruição fez de nós um quase rebanho. E o que chamei de “artifício” traduz essa necessidade. Nós, herdeiros de uma

destruição, os filhos daqueles que, expropriados de seus *commons*, foram a presa não apenas da exploração, mas também das abstrações que faziam deles qualquer um, temos que experimentar o que pode recriar – “fazer pegar novamente”, como se diz das plantas – a capacidade de pensar e agir juntos.

Ressaltei incessantemente que essa experimentação é política, pois não se trata de fazer com que as coisas “melhorem”, e sim de experimentar em um meio que sabemos estar saturado de armadilhas, de alternativas infernais, de impossibilidades elaboradas tanto pelo Estado como pelo capitalismo. A luta política aqui, porém, não passa por operações de representação, e sim, antes, por produção de repercussões, pela constituição de “caixas de ressonância” tais que o que ocorre com alguns leve os outros a pensar e agir, mas também que o que alguns realizam, aprendem, fazem existir, se torne outros tantos recursos e possibilidades experimentais para os outros. Cada êxito, *por mais precário que seja*, tem sua importância. Certamente nenhum será suficiente para apaziguar Gaia, mas todos contribuem para responder às provas que vêm de um modo que não seja bárbaro.

Não se trata, decerto, de substituir por uma cultura do êxito experimental as necessidades de uma luta política

aberta, ainda mais necessária pelo fato de ela ter que investir os espaços considerados “fora da política” onde especialistas se animam, calculam limites, tentam articular as medidas a serem tomadas com a imperiosa necessidade de um crescimento sustentável. Até mesmo a noção de limite, aparentemente de bom senso, traz consigo a ameaça dos “não tem jeito, é mesmo preciso...” tristes, mas determinados, que anunciam a barbárie. Os limites são negociados entre responsáveis, são impostos a um rebanho e deixam na sombra o fato de que, em nosso mundo atravessado por desigualdades radicais, seria preciso um verdadeiro milagre para que eles não sejam um fator de desigualdade ainda mais acentuada. E isso, quaisquer que sejam os “prodígios” dessa técnica que hoje nos anuncia que o Homem vai se tornar capaz de manipular a matéria átomo a átomo, de romper suas limitações biológicas, de vencer o envelhecimento e viver em casas “inteligentes” que satisfarão seus menores desejos.

A luta política deveria passar por todos os lugares onde se fabrica um futuro que ninguém ousa realmente imaginar, não se restringir à defesa dos sentimentos adquiridos ou à denúncia dos escândalos, mas se apoderar da questão da fabricação desse futuro. Quem paga os técnicos, como os cientistas são educados, que promessas fazem a máquina de

fascinação funcionar, a que sonhos de rico confiamos a tarefa de “relançar a economia”? Os próprios cientistas e técnicos sentem a necessidade de se colocarem tais questões, e alguns, como Jacques Testart, têm a coragem e a lucidez de pedir que elas sejam colocadas, que a luta passe pelos saberes técnicos e científicos, em que hoje ressoam slogans apolíticos do tipo “o planeta está em perigo, vamos salvar a pesquisa!”. Mas é justamente pelo fato de a luta política ter de passar por todos os lugares que ela não pode ser pensada unicamente em termos de uma “vitória” ou de uma conquista do poder. E isso não por razões morais, e sim porque nenhum poder, de onde quer que proceda, qualquer que seja sua legitimidade, poderá produzir, enquanto tal, as respostas às quais obriga, em todos os lugares, em todos os níveis, a intrusão de Gaia.

O acontecimento OGM é um exemplo de um novo tipo de articulação entre luta anticapitalista (e a Monsanto representa de maneira bastante exata este capitalismo que prepara um futuro bárbaro) e produção de pensamento. Nossos responsáveis estão prometendo OGM de “segunda” (ou terceira) geração, com o seguinte slogan: “Se vocês os quiserem, têm de engolir os da primeira!”. Mas, ao fazer isso, eles suscitam ainda mais questões. Eles não conseguiram isolar os *faucheurs*,¹ colar neles o rótulo de

“ecoterroristas”, porque se produziram saberes que fizeram com que os especialistas titubeassem publicamente, porque os biotecnólogos produtores de patentes já não podem reunir com tanta facilidade seus colegas cientistas em uma grande cruzada contra o aumento da irracionalidade, porque alguns deles são, ao mesmo tempo que o público, levados a colocar questões. Raros, decerto, são os que, tal como o geneticista Christian Vélot, traem a biologia genética “de dentro”, ou seja, põem em perigo suas subvenções de pesquisa e, portanto, sua carreira, para anunciar o que seus colegas calam. O ogm, porém, é um daqueles acontecimentos (também nos ocorrem as lutas relacionadas à questão dos medicamentos ou, a partir de agora, dos recursos energéticos) que, convenientemente “ativados”, poderão ajudar os cientistas a questionar o seu papel – seja aquele que lhes é atribuído na economia do conhecimento ou, ainda antes desse, aquele que os reduz à sujeição da tolice, ao papel de guardiões da ordem moral, da racionalidade contra uma opinião que, como dizia Bachelard, sempre se equivoca. A possibilidade de um novo perfil de pesquisadores inventando os meios de sua independência em relação às fontes de financiamento que subjagam suas práticas está agora na ordem do dia. Essa possibilidade faz parte das questões que articulam luta

política e criação, pois precisaremos, aconteça o que acontecer, de cientistas e de técnicos.

O que falta ao acontecimento ogm? Em primeiro lugar, uma caixa de ressonância política à altura: até mesmo os aliados políticos, já que dependem de credibilidade eleitoral, têm medo de fazer com que todas as dimensões do acontecimento se comuniquem, ou seja, notadamente, de politizar a questão do progresso impulsionado pela racionalidade técnico-científica, ou a da economia do conhecimento, suas patentes e suas parcerias. “Precisa-se de mais dinheiro para a pesquisa” é um tema que ainda funciona e que não custa nada, como também “os franceses recusam os ogm”, retomada frouxa de uma recusa que se acha reduzida a um caso de pesquisa de opinião e de respeito pela opinião pública (mesmo se ela não tem razão). Mas talvez também falte a ele ter sido celebrado como acontecimento, ter sido chamado de acontecimento, ter suscitado testemunhas que aprendam a contar como lhe são gratas, o que ele lhes ensinou, como as reuniu, como as forçou a aprender uns com os outros. Precisamos, desesperadamente, fabricar essas testemunhas, essas narrativas, essas celebrações. E precisamos, principalmente, do que testemunhas, narrativas e celebrações podem transmitir: a experiência que assina a produção de uma

conexão bem-sucedida entre a política e a produção experimental, sempre experimental, de uma capacidade nova de agir e de pensar. Tal experiência é o que, no rastro de Espinosa e de muitos outros, eu chamarei de alegria.

A alegria, escreveu Espinosa, é o que traduz um aumento da potência de agir, ou seja, também de pensar e de imaginar, e ela tem algo a ver com um saber, mas um saber que não é de ordem teórica, pois não designa a princípio um objeto, mas o próprio modo de existência daquele que se torna capaz de sentir alegria. A alegria, poderíamos dizer, é a assinatura do acontecimento por excelência, a produção-descoberta de um novo grau de liberdade, conferindo à vida uma dimensão complementar, modificando assim as relações entre as dimensões já habitadas. Alegria do primeiro passo, mesmo inquieto. E a alegria, por outro lado, tem uma potência epidêmica. É o que mostram tantos anônimos que, como eu, sentiram essa alegria em maio de 1968, antes de os responsáveis, porta-vozes de imperativos abstratos, se apoderarem do acontecimento. A alegria é transmitida não de alguém que sabe a alguém que é ignorante, mas de um modo em si mesmo produtor de igualdade, alegria de pensar e de imaginar juntos, com os outros, graças aos outros. Ela é o que me faz apostar em um futuro em que a resposta a Gaia não seria o triste

decrescimento, e sim o que os objetores de crescimento já inventam quando descobrem juntos as dimensões da vida que foram anestesiadas, massacradas, desonradas em nome de um progresso hoje reduzido ao imperativo de crescimento. Talvez, finalmente, ela seja o que pode desmoralizar nossos responsáveis, levá-los a abandonar sua triste pose heroica e a trair o que os aprisionou.

Não se está dizendo que tudo, então, acabará bem, pois Gaia ofendida é cega para nossas histórias. Talvez não possamos evitar terríveis provações. Mas depende de nós, e é aí que nossa resposta a Gaia pode se situar, aprender a experimentar os dispositivos que nos tornam capazes de viver tais provações sem cair na barbárie, de criar o que alimenta a confiança onde a impotência assustadora ameaça. Tal resposta, que ela não ouvirá, confere à sua intrusão a força de um apelo a vidas que valem ser vividas.

1 Les Faucheurs Volontaires [ceifadores voluntários] é um movimento francês de oposição aos ogm, cujos ativistas destroem terrenos com experimentos transgênicos e culturas de OGM em campo aberto. [N. T.]